

APRESENTAÇÃO

Conecte-se: agora mais do que nunca!

Connect: now more than ever!

Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros¹

Tempos de pandemia, de isolamento social (tensionado ou flexibilizado), de olhar e ouvidos atentos (já beirando à saturação), à espera da notícia ansiada da liberação da(s) vacina(s) contra a Covid-10 – com critérios de qualidade e confiabilidade e, ainda, de acessibilidade para a imunização em massa. Nesse cenário, em 2020, a ideia de tempo e de interação foi (teve de ser!) ressignificada: nunca antes ver uma pessoa amiga por videochamada se constituiu em algo tão prazeroso; nunca antes ver a face e ouvir a voz do aluno, em breves instantes de abertura da câmera do computador, foi algo tão festejado; nunca antes, foi tão celebrado o simples fato de se poder andar na rua e sentir o sol e o vento fora do ambiente do próprio lar (e isso tudo, é claro, precedido da gratidão de ter um lar, quando há tantos desvalidos e sem-teto!), de se estar plenamente funcional e trabalhando na área de que se gosta (quando tantos perderam o emprego formal ou até fontes informais de renda!), de se estar com saúde para realizar pequenos gestos e ações (quando tantos estão hospitalizados ou sepultados!), de se ter alunos queridos, amigos e familiares de quem sentimos falta e a quem reiteramos nosso afeto ainda que a distância.

Passado o Carnaval, ainda no ritmo “normal”, antes da ansiada Semana Santa, eis que nossa vida sofre uma rotação tremenda – irmanando-nos a milhões de outros indivíduos, mundo afora – e nos vimos todos levados por um turbilhão, independentemente de classe socioeconômica ou cultural, de gostos pessoais em vários âmbitos, de opções políticas, religiosas ou de outra natureza. O vírus foi democrático em atingir, sem distinção, a todos os escalões, sexos e gêneros, faixas etárias, preferências esportivas, etc. É claro que o nicho que cada um ocupa no ecossistema social interferiu (interfere) no modo como são / serão sofridos os efeitos da doença e suas sequelas; mas a lição que sobressai é a de que estamos num mesmo barco no enfrentamento dessa pandemia (ou pandemônio, como muitos a ela se referem).

¹ Titular da Coordenação Setorial de Publicações e Produções Acadêmicas da Proex. Editora adjunta da Revista Conecte-se! da Proex PUC Minas. Professora do Programa de Pós-graduação e do Departamento de Letras. Editora da Revista do Instituto de Ciências Humanas da PUC. E-mail: evangelabarros@yahoo.com.br.

Neste segundo semestre, um pouco mais “escolados” após a turbulência do primeiro momento, muitas tarefas e demandas nos pareceram mais simples; muitos materiais produzidos inicialmente já puderam ser aprimorados; muitos projetos – de vida, de trabalho, de pesquisa, de extensão – puderam ser retomados, reformulados e encaixados na nova dinâmica, à espera do “novo normal” – este é o desconhecido que nos preparamos para assimilar no período pós-pandemia.

Uma nova rotina nos aguarda – como indivíduos, como profissionais, como cidadãos e membros de uma sociedade que, como nunca, se revelou nas desigualdades, no imenso abismo a separar pessoas que coabitam espaços comuns (de trabalho, de estudos, de lazer, etc.), mas que se viram impedidos de transitar, em prol de um bem coletivo (a redução da propagação do vírus).

Mesmo restritos a nosso ambiente cotidiano, continuamos a trabalhar, a pesquisar, a nos relacionar como possível. E esse é o lado bom do que estamos vivenciando – a capacidade de superação, a alteridade (quando enxergamos que outros sofrem mais do que nós e conseguimos estender as mãos), a resiliência (somos mais fortes do que isso que está acontecendo!)...

“Reinventar” virou a palavra da moda, do momento. Essa metáfora da reinvenção nos lembra do mito da fênix, que renasce a partir das próprias cinzas. Embora afetados por inúmeras dificuldades, é bom perceber que o inusitado com que nos deparamos fez descobrir potencialidades (nossas e daqueles com quem convivemos); levou-nos a procurar (e encontrar) brechas e frestas para enxergar a luz, isto é, a mudar estratégias para atingir objetivos (estes, também, revisitados); fez-nos rever critérios (de exigência, de avaliação – afinal, o que é essencial, neste momento?) e resgatar procedimentos mais compatíveis com o novo cenário, visando a alcançar os fins desejáveis, a partir de novos percursos e roteiros.

Como nunca, a Extensão se mostrou âncora e esteio para muitos – não só beneficiários (já que a função assistencialista não é mais a face e o foco desse âmbito do tripé em que se apoiam as ações da universidade), mas também de graduandos e docentes, que, em suas práticas, veem um modo de continuar aprendendo e dialogando, produzindo e disseminando conhecimentos, confrontando na prática aquilo que lhes chega por via teórica. De formas admiráveis – utilizando mídias e redes sociais diversas (*whatsapp, facebook, instagram*, etc.) –, muitos dos projetos foram sendo adaptados ao regime letivo remoto (RLR) ou ao regime contingenciado (RC), em que, os celulares (ao lado de *tablets*, computadores, *notebooks*, etc.) se tornaram ferramenta de aprendizagem – de “excomungados” por muitos docentes, estes aparelhos viraram a chave de acesso às aulas ou às ações dos projetos (de pesquisa, de extensão).

Trabalhando, todos, com recurso a meios digitais – plataformas como *Teams, Canvas, Zoom, Lifesize* –, vimos a maior parte das ações acadêmicas que realizávamos presencialmente (aulas, reuniões, bancas de TCC, de teses e dissertações, etc.), além de eventos de formação os mais

diversos - Seminários se tornaram *webinários* – e a possibilidade de formação em eventos internacionais sem sair de casa nos permitiu interagir com colegas de outras universidades e países; conferências ou *shows* se tornaram *lives*... – algumas de excelente qualidade! E fomos nos adaptando, e fomos aprendendo! Como na bela música de Aldir Blanc e João Bosco, “O Bêbado e a Equilibrista”, percebemos que “a esperança equilibrista / sabe que o show de todo artista / tem que continuar”!

E é com esse tom otimista que desejo pensar o ano vindouro – que 2021 possa trazer, em seu bojo, coisas do “antigo normal” mescladas com as do “novo normal”, mas que, como povo, conquistemos coesão e um olhar mais crítico (em relação àqueles que negligenciaram medidas que poderiam ter sido mais eficazes para sairmos da crise), sem perdermos aquela proximidade afetuosa que nos caracteriza, culturalmente.

Feita essa leitura do momento em que nos encontramos, convido-os, estimados leitores, a adentrar esse volume de **Conecte-se! Revista Interdisciplinar de Extensão**, que resgata projetos (de 2019), mas também reflete ações transformadas (e transformadoras) nesse cenário da pandemia. São temas social e academicamente relevantes, trazidos de forma séria e engajada pelos diversos autores.

Vejamos brevemente sobre o que nos instam os textos deste volume a dialogar com a realidade.

No primeiro artigo, “O imaginário sociomuseal de sujeitos participantes de uma ação extensionista”, o professor Daniel Cardoso Alves (UEMG) problematiza “o imaginário social de sujeitos acerca do Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais (MHNJB/UFMG)”, a partir de uma ação extensionista desenvolvida, em 2018. Sob o escopo de trabalho denominado “Espaços educativos para além da sala de aula”, por meio de abordagem qualitativa, buscou mapear e interpretar representações semióticas que os sujeitos participantes tinham daquele museu. Para ele, a apropriação de espaços de formação não escolar constitui “demandas sociais concretas de formação humana e acadêmica”.

No artigo seguinte, “A reinserção das egressas transexuais no mercado de trabalho”, uma equipe multidisciplinar (PUC Minas) constituída por Carolina Carneiro Lima, Júlia Cristina Bacelar Moreno e Tárík Salgado Raydan (do Direito), Camila Corrêa Linardi (das Relações Internacionais), Jacqueline Henriques Corrêa (das Ciências Biológicas) analisam relevante temática: a reinserção de egressas transexuais no mercado de trabalho, com base em sua experiência formativa na APAC (Associação de Proteção e Assistência aos Condenados). Os autores discutem formas de tais sujeitos preservarem condições dignas de sobrevivência e segurança, por meio do acesso à educação e da preparação para o mercado de trabalho, ao deixarem o Sistema Prisional. Vítimas de

preconceitos e violações de Direitos Humanos reiterados, a discriminação torna ainda mais difícil a reinserção dessas egressas na vida social.

No terceiro artigo, “Um olhar democrático na educação de crianças e adolescentes: análise comparativa de metodologias distintas adotadas no Parlamento Jovem e seus resultados”, os autores Júnia Aparecida Ferreira (Psicologia), Júlia Cristina Bacelar Moreno (graduanda em Direito) e o professor Alexandre Eustáquio Teixeira (Ciências Sociais PUC Minas) discutem a relação entre o Projeto Parlamento Jovem (PJ) Paulista e o PJ Mineiro, contrapondo a relevância destes na formação de jovens e crianças, em um momento anterior (de maior incentivo à formação política da juventude) e o atual (em que se nota certo desinvestimento nessa área). Avaliam as repercussões de ambos os PJ, suas distintas características e os resultados obtidos por eles.

O quarto artigo, “Princípios da balança de Kibble”, os autores Haroldo Kennedy Clebicar Nogueira (graduando em Engenharia Elétrica) e Antônio Henricus Maria de Knegt (professor do Curso de Engenharia da PUC Minas) discutem o processo de construção de um protótipo, no laboratório de Engenharia do IPUC, que apresenta diversas potencialidades, inclusive o uso pedagógico como instrumento de ensino de Física (eletricidade) para alunos da Educação Básica.

Na sequência, no ensaio “Saúde e *Fake News*: o impacto das notícias falsas no comportamento da população em meio à pandemia da COVID-19”, Giulia Cristina Rodrigues de Oliveira e Natália Soares de Oliveira, graduandas do curso de Odontologia (PUC Minas), analisam a relação entre a veiculação de notícias falsas e o comportamento adotado pela população no que tange ao enfrentamento da pandemia de Covid-19. Discutem o impacto de notícias falsas disseminadas, que “podem comprometer o combate, a profilaxia e as terapias voltadas ao novo coronavírus”. A desinformação contrapõe a ciência a tratamentos e medicamentos alternativos e sem comprovação de eficácia, expondo os indivíduos a riscos maiores e desnecessários.

No ensaio seguinte, “Morte digna: uma discussão necessária entre os profissionais de saúde”, as autoras, a especializanda Camila Louise Baena Ferreira (PUC Minas) e os professores Mônica Chaves, Júlio César Batista Santana e Nathalia Sernizon Guimarães (do curso de Especialização Cuidados Paliativos e Terapia da Dor) discutem a vivência da morte, contemporaneamente deslocada do ambiente domiciliar para o hospitalar, em que se têm os cuidados praticados pelos profissionais de saúde, com acesso a diversos dispositivos tecnológicos. Questionam o aspecto negativo (medo e tabu) de que se revestiu a morte na sociedade ocidental e falam sobre cuidados paliativos e a abordagem do tema em ambientes sociais, ainda bastante marcado por constrangimento e desconforto.

Constituindo uma seção, vêm os seis relatos reflexivos de experiência, em que os distintos atores reportam e avaliam desafios enfrentados e conquistas obtidas na atuação em diversas esferas do saber-fazer humano.

No primeiro deles, “Relato de experiência de extensão com idosos no enfrentamento da COVID-19: percurso metodológico e competências adquiridas por monitores-estudantes de uma universidade pública na Bahia”, os autores, todos da Universidade Estadual da Bahia (UNEB) – Ana Cristina R. Mendes (nutricionista), Márcia Cristina M. de Aguiar (médica), Luciana S. Souza dos Santos (nutricionista); Patrícia N. dos Santos, Rafaela Farias Rodeiro e Adilma S. de Souza, graduandas em Nutrição; Lorrana Corina Gomes (graduanda em Fonoaudiologia); Jessica Monique Sousa de Carvalho (graduanda em Fisioterapia); Angela Gabriela da S. Santana (graduanda em Enfermagem) – avaliam a relevância da participação de estudantes dos cursos da Saúde desta Universidade em diferentes monitorias. Destacam os resultados positivos no âmbito da produção de novas “metodologias, recursos e ferramentas para a operacionalização do projeto extensionista com atividades não presenciais, via on-line”. Partindo dos dados obtidos pela atuação de todos os extensionistas (docentes e discentes) no Projeto AMAR, com idosos, cursistas da Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI), analisam a aquisição de competências técnico-profissionais e humanas, nesse processo, baseado na construção coletiva e participativa, com foco na saúde física e socioemocional dos idosos atendidos, neste momento de isolamento social e perdas de amigos ou parentes vitimados pela Covid-19 ou outras enfermidades.

O segundo relato, intitulado “Projeto Integrado de Educação em Saúde: A experiência extensionista na Reserva Indígena Naô Xohã do Povo Pataxó Hã-Hã-Hãe”, traz uma equipe extensionista multidisciplinar – Ana Luiza Marques Teixeira, Dayane Jhenifer Ribeiro Silva e Grasielle Cristine Ferreira, da Fisioterapia; Julie Kate Ferreira de Oliveira e Roberta Ellen Santos Oliveira, da Medicina; Raiane da Silva Moreira, da Enfermagem e a professora Samira Auxiliadora Pereira (Curso de Medicina da PUC Minas) – que expõe e avalia as intervenções desenvolvidas no bojo do Projeto de Extensão Integrado de Educação em Saúde na Reserva Indígena em foco. Por meio de visitas à reserva (12), reuniões técnicas com representantes externos nas ações de articulação (2) e reuniões internas na PUC Minas para planejamento e organização das atividades (6), oficinas de formação para os indígenas (3), considerando os objetivos específicos, definiram três eixos de intervenções: o fortalecimento da comunidade com redes de apoio social, o cadastramento das famílias da Reserva Indígena e a realização de oficinas de educação em saúde. A equipe atesta que “a vivência com o Povo Pataxó Hã-Hã-Hãe proporcionou uma interação dialógica muito benéfica entre índios, extensionistas e docente, de modo, que cada parte envolvida foi

transformada em certos aspectos.” E este é, de fato, um dos valores maiores da Extensão: a potencialização da (auto)transformação.

Na sequência, temos o “Relato de Experiência Extensionista: Qualidade de Vida durante a pandemia”, produzido pelos graduandos Ingrid Luiza de Pádua Cruz e Souza (Fonoaudiologia) e Matheus Henrique Borges (Fisioterapia), em conjunto com a professora Cláudia Barsand de Leucas (curso de Educação Física da PUC Minas). Os autores avaliam as contribuições do projeto de extensão “Qualidade de Vida para Todos” (PQVT), na modalidade remota, para melhorar o cotidiano das pessoas com deficiência (PCD) atendidas, neste período de pandemia. A reformulação das práticas e intervenções visou adaptá-las ao ambiente virtual e manter, de forma diferente, porém efetiva, o atendimento dos beneficiários a distância. Neste relato, explicitam as novas práticas adotadas pela equipe em específico para atendimento de um adolescente com paralisia cerebral, e analisam os efeitos positivos tanto para os beneficiários e familiares quanto para os extensionistas, cuja formação profissional e humanística se viu potencializada.

O quarto relato, “Monitorias do Curso de Fonoaudiologia durante o regime letivo remoto: benefícios para alunos, professores e comunidades”, traz uma equipe de graduandas em Fonoaudiologia - Laila Eugênia de Souza, Ingrid Luiza de Pádua Cruz e Souza, Gabrielle Tereza Ribeiro Maia, Maíra Lopes Henriques de Miranda e Pollyana Ferreira de Andrade –, orientadas pela professora Luciana Lemos de Azevedo, discute alguns impactos da Pandemia do Covid-19 nas atividades realizadas no primeiro semestre de 2020, e como essas mudanças colaboraram para que a prática de monitoria se tornasse um meio de disseminação de saberes científicos para a sociedade. Com a suspensão das aulas presenciais, práticas antes realizadas presencialmente, no âmbito da universidade, foram transferidas para o meio virtual, no regime remoto, com o auxílio das redes sociais. Concluem que conhecimentos relacionados à Fonoaudiologia, oriundos de trabalhos das monitorias, ultrapassaram os muros da Universidade e chegaram até a sociedade de maneira mais ampla, atingindo alunos de outras universidades, profissionais da área e leigos, atendendo às diretrizes da Extensão Universitária da PUC Minas de democratização dos saberes científicos.

O quinto relato, “Empresa Júnior de Biologia e Geografia da PUC Minas: inventários de carbono como estratégia de reflexão sobre problemáticas ambientais”, discute as ações da equipe multidisciplinar de Extensão, formada por Rayane Talyta B. Camilo (Geografia) e os quatro graduandos das Ciências Biológicas - Helen V. de Jesus Henrique, Luísa dos Anjos L. Pereira, Ludmilla Q. C. de Araújo e Maria Clara M. Alvarenga, sob a orientação da professora Virgínia Simão Abuhid (do ICBS PUC Minas), num projeto voltado para a formação profissional sustentável. Relata experiências de membros e ex-membros da Sistêmica Empresa Júnior, dos cursos de Geografia e Ciências Biológicas, criada em 2010, na PUC Minas, dedicada à abordagem

de inventários de carbono realizados pela empresa. Os cálculos baseados em ferramenta criada pelo grupo se configuraram como principal serviço oferecido pela empresa, visando ofertar soluções ambientais, até mesmo para a universidade. Esse processo abrangeu o empreendedorismo “como mecanismo de articulação de teoria e prática, na perspectiva da extensão universitária, em um movimento intitulado empresas juniores.”.

O sexto e último relato, “Aplicação na Construção Civil de uma ferramenta 3 em 1: colher de pedreiro, desempenadeira e martelo de borracha”, mostra uma pesquisa aplicada realizada pela equipe de extensionistas - Ricardo Silva Resende (Professor do Departamento de Engenharia Civil da PUC Minas) e os graduandos Andreilino Teles Valansuela Neto (da Geografia) e os demais, da Engenharia Civil, Lucas L. C. Pena, Paula Maia Guimarães, Pedro Henrique P. de Sá Andrade e Thaynara Hellen S. Barbosa. Buscando formas de executar serviços de construção com maior produtividade e eficiência, com menos desperdícios e levando em consideração fatores como a melhor relação custo x benefício e o desempenho final de seus produtos, os participantes, no projeto de extensão do Curso de Engenharia Civil “Inovação Tecnológica: Produtividade e Qualidade para o Trabalhador da Construção Civil”, realizaram estudos e levantamentos acerca das ferramentas (colher de pedreiro, desempenadeira e martelo de borracha) para identificar os critérios técnicos, dimensões e as funções específicas de cada ferramenta, isoladamente. Posteriormente, criaram modelos objetivando a junção de três ferramentas em uma, baseando-se no conceito da racionalização, para garantir um menor custo e facilitar o trabalho do operário, sem deixar de lado a qualidade de execução da construção. A ferramenta foi produzida nos laboratórios da PUC Minas e testada em dois locais, para testagem e, em caso de aprovação, patenteamento e produção em maior escala.

Fechando o volume, a entrevista com as professoras Josiane Militão e Sandra Cavalcante, do Programa de pós-graduação em Letras, e a mestre pelo mesmo PPG, Catarina Flister, sobre a atuação no Projeto LER – Leitura e Escrita para Refugiados e Migrantes, em parceria com o Serviço Jesuíta de Migrantes. Mostram quão rica e igualmente desafiante tem sido a experiência, a partir da qual muitos desdobramentos – no âmbito do ensino e da pesquisa – vêm sendo obtidos.

São muitos os temas, as instigações e as experiências compartilhadas. Certamente, há um projeto com que se identificar, um tema a despertar o interesse, a aguçar o desejo de fazer parte desse time da Extensão.

Em tempos desafiantes como os atuais, de pandemia e suas consequências, a flexibilidade, a visão focada na justiça social e na sustentabilidade das ações, certamente, têm muito a nos ensinar.

REFERÊNCIA

O BÊBADO E A EQUILIBRISTA. Aldir Blanc; João Bosco. In: Essa Mulher. 1979.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. Pró-Reitoria de Extensão. **Política de Extensão Universitária PUC Minas**. PUC Minas, 2006. Disponível em:<http://www2.pucminas.br/documentos/politica_de_extensao.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2020.